

OPINIÕES PELO PRISMA DE MARIA DAS GRAÇAS TARGINO

RESENHA

TARGINO, Maria das Graças. **Ideias em retalhos**: sem rodeios nem atalhos. Teresina: Halley, 2014.

Alisson Dias Gomes*

Com ampla experiência no mundo das letras, seja através de textos acadêmicos, técnico-científicos, jornalísticos e literários, Maria das Graças Targino seduz e conquista novos leitores, demonstrando ampla capacidade de manter os veteranos apreciadores das artes literárias ao seu lado como seguidores fieis e possíveis propagadores das articulações construídas em jornais locais / nacionais, periódicos científicos e portais informativos.

Por meio do seu novo livro de crônicas *“Ideias em retalhos: sem rodeios nem atalhos”*, tece verdadeira colcha de retalhos ao abordar temáticas variadas e contundentes, demonstrando sua habilidade de articulista, seu dom de escritora, sua vocação de professora e sua sensibilidade de mulher / cidadã.

Longe de seguir padrões ou rigores excessivos, respeita apenas, de forma categórica, a língua culta e as exigências da nova ortografia, ao falar sobre situações / experiências inquietantes e profundas, a exemplo de momentos em sala de aula, viagens ao redor mundo (Espanha, Hungria, República Tcheca e Vietnã), livros e filmes devorados por seu desejo contínuo de viver mil vidas em uma.

* Doutor em Comunicación Audiovisual, Revolución Tecnológica y Cambio Cultural pela Universidad de Salamanca, Espanha. Professor da Faculdade Santo Agostinho (PI), e do Instituto Camillo Filho (PI). E-mail: alissondg@bol.com.br

Além disso, desnuda sem nenhum pudor suas percepções da vida e da alma ao discorrer sobre o amor, a família, as relações pessoais, a terceira idade, a religiosidade, a política, os prazeres, entre outros. Nota-se o exposto anteriormente nas crônicas *“Um grande e antigo amor”* e *“Drogas, álcool e HIV”*, quando na primeira sentença de cara que “a vida é assim: amores e desamores que jazem à beira do caminho” e, na última, provocam-nos reflexão ao indicar que “a sorte está lançada. Arriscam-se todos embalados por álcool, drogas, pura adrenalina e muito desejo carnal ou animal”.

Por meio de 90 crônicas, dispostas ao longo de 256 páginas, de forma aleatória, ainda que seja praticamente impossível assim ter feito, já que possui formação rigorosa em Biblioteconomia, por um lado, e em Jornalismo, por outro, Targino expõe suas vivências em salas de aula com grupos diversificados e do fascínio por livros e bibliotecas, como se nota em várias crônicas (63, 64, 65, 66 e 67). A título de exemplificação, no texto intitulado *“Leitura poética de uma biblioteca encantada”*, mostra a antiga biblioteca da Universidade de Salamanca (Espanha) como lugar mágico a ser visitado em busca de conhecimento, mas muito mais, a depender do olhar de cada um.

Recorrentemente, opina sobre temática que ocupa sua cabeça e seu coração, a comunicação, desde a perspectiva dos encantos e fascínios das tecnologias de informação e comunicação, a exemplo das crônicas *“Internet: o bem e o mal de mãos dadas”* e *“Redes sociais em aeroportos e rodoviárias: por que não?”* e mergulha em discussões densas e oportunas, a exemplo das crônicas *“A morte em virtual”* e *“Entre selfie e o outro”*. Detentora de experiências como professora universitária, Maria das Graças Targino narra com propriedade e de forma crítica, lúcida e afetuosa os desafios do trabalho de formação de novos profissionais.

Por redigir textos curtos, possuindo em média duas e/ou seis páginas (máximo), as crônicas suscitam reflexões individuais ou coletivas, em casa ou nos ambientes de formação, contribuindo para gênese de um pensamento mais crítico, pessoal e profundo. De forma

sutil e leve, algumas delas possuem ilustrações que suavizam e enriquecem a narrativa, como ocorre em “*O avental todo sujo de ovo*”, “*Quando o carteiro chegou e meu nome gritou*” e “*Matar: o lado perverso do ser humano*”.

Mais uma vez encantando com a força e a leveza das crônicas da autora e, até mesmo, pela proximidade existente entre nós (autor-leitor) tomo a liberdade de propor, sem a pretensão de ser acatado, pequena inversão na ordem de apresentação de duas crônicas: “*Dou minha vida por vivida*” e “*Vou à missa com o vestido de domingo*”. Como arremate de uma obra bem cuidada, na qual Maria das Graças Targino revela-se cidadã incomodada com os problemas sociais, emotiva e sensível diante das alegrias da vida, sugere-se a conclusão do livro no exposto do texto:

[...] E quando se conserva, por propensão inata ou por uma dessas heranças benditas, a alma de criança ou de adolescente, o risco do ridículo é sempre maior. Mas o que é ridículo diante da capacidade de dedicar de lado a angustia de envelhecer e assumir, em seu lugar, a capacidade de prosseguir a sonhar? Sem dúvida, afirmar que a velhice é agradável consiste em mentira. Talvez, uma doce mentira, mas sempre, uma mentira. Envelhecer é se aproximar da morte e estamos no segundo grupo – aqueles que amam viver – esta proximidade não pode deixar de vestir sua fantasia de fantasma. Fantasma, nem risonho, nem belo. Simplesmente, um fantasma, e como tal, assustador. Tão assustador que faz alguém gritar aos quatro ventos – dou minha vida por vivida... (TARGINO, 2014, p. 245).

Recebido: 04.03.2015
Aceito: 18.02.2016